

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS**INTERINO****IVAN SERPA**

Ivan, e o concretismo, as formas, a renovação da pintura?

— Eu procuro visualizar as formas e interpretá-las. A fase de pensar nos problemas alheios já foi ultrapassada. O Brasil não tem nada a ver com problemas de concretismo suíço. Nenhum país vive somente de um pintor e, por outro lado, um movimento renovador não se inicia: surge. Tudo o que é preparação de uma idéia deixa de ser autêntico porque perde a geração espontânea. Quando tivermos meios educacionais melhores, não sofreremos mais influências estrangeiras e aproveitaremos nosso ambiente para chegarmos a uma arte que será arte brasileira. Devemos, no entanto, fugir do folclore, não o tornar a essência dessa arte brasileira. O folclore pode existir, assim como o figurativismo, mas não tornar-se o motivo primeiro de nossa arte. O mais importante é a qualidade da obra e não os meios de expressão.

— Como é que você se interessou pela arte infantil?

— Antes de ensinar pintura, eu ensinava francês em um colégio da Tijuca. Para ilustrar minhas aulas, desenhava objetos no quadro negro para que as crianças os nomeassem; reparando que havia maior compreensão pela forma do que pela palavra, passei a pedir que as próprias crianças fizessem seus desenhos e, então, reparei que algumas empregavam coloridos que eu mesmo não tinha coragem de empregar em meus quadros. Parei de ensinar francês e passei a dar exclusividade ao desenho, sendo que ensinar às crianças é apenas encaminhar a expressão livre da infância. Os resultados têm sido os melhores possíveis.

— Porque o artista conserva a pureza?

— A pureza não está no corpo



Ivan Serpa

ou na vida do artista e sim no seu ego. O corpo impuro pode ter uma alma limpa e este é o motivo pelo qual artistas que levam uma vida considerada desregrada conservam uma mística espiritual. Quando o pintor realiza um quadro transforma-se no crente que reza a seu Deus. Esquece-se de si para integrar-se na obra.

— Existe o pintor bissesto?

— O pintor bissesto pode existir. A produção esporádica é uma condição humana.

— Pode-se julgar um pintor por reproduções?

— Não. Nem mesmo os abstracionistas. A vibração de uma linha é tão importante que uma idéia sobre o autor só pode ser formulada pelo original. O pintor transmite sua deformação à obra. O quadro é o retrato do pintor, quer seja figurativo, abstrato ou concreto.

— Qual o seu trabalho atual?

— Estou preparando uma série de álbuns sobre a textura e desenvolvimento das letras. Procuro transformar a forma primitiva em outra, sem destruir a primeira. Analisando-se o trabalho, encontra-se a letra que desaparece no conjunto. É uma pesquisa das relações especiais que existem em cada sinal e a textura que produzem quando trabalhados.

— Porque a arte não figurativa não atingiu o grande público?

— A arte não figurativa não atingiu o grande público porque este não se integrou ainda no mundo moderno, que exige conhecimentos que só escolas em quantidade poderão proporcionar. No meu ponto de vista, o figurativismo já foi ultrapassado, mas nem por isso quero destruir o ente humano; apenas não procuro interpretá-lo em uma tela por não lhe poder dar o que de mais importante existe — a vida. A arte deve ser uma experiência pessoal do artista e a interpretação de uma forma abstrata é tão normal quanto o ato de respirar. A formação do artista é como uma vida independente, etérea mas cotidiana. A grande tragédia é se querer viver a vida de outros.

— Que acha da matemática na arte?

— Minha arte pode, por acaso, ser matemática mas a intenção é a relação entre as formas. Procuro ser instantâneo; o que é premeditado perde a verdade. Alguns artistas que se servem da geometria e da matemática elevam essas matérias a uma posição mais importante que a própria arte e quando vemos uma de suas obras, descobrimos o problema de cálculo sem descobrir o problema artístico. O artista moderno sente a necessidade de criar um ismo seu e deixar de dar à arte o seu sentido de integração no mundo em que é produzida.